



EDITORIAL

NOVAS MIRADAS

Ao publicar *Orientalismo: a invenção do Oriente pelo Ocidente*, em 1978, o crítico literário palestino Edward W. Said estabeleceu mais do que um conceito, a partir do qual o mundo ocidental projetava seu olhar sobre o mundo árabe. O orientalismo, de fato, constituía-se como uma espécie de lente obliquamente focalizada, da qual os países civilizados da Europa se serviram com o objetivo de constituir uma alteridade histórica. Também se acumula como um corpo de conhecimentos e representações, plasmadas na literatura e em documentos históricos. Textos e imagens edimentavam, pouco a pouco, a dinâmica histórica dos países árabes, sob o signo da barbárie, modulando suas formas de visibilidade, em geral, dominadas por imagens do caos, do obscurantismo e, mais recentemente, do terror. O orientalismo, denunciava Said, era um artifício de controle, uma arma ideologicamente eficaz segundo os propósitos do colonizador. Contudo, um objeto puramente ocidental.

O trabalho de Said é essencial para balizar a complexidade das representações culturais nos espaços mais diversos, uma vez que o olhar é sempre oblíquo e os estereótipos inevitáveis quando se trata de definir o outro, mesmo que ele nos seja estranhamente íntimo. Reside ali, ao regular os modos de visibilizá-lo, a fixação dos limites dentro dos quais é percebido. Em um terreno epistemológico distinto, Gilbert Durand diria que “representar um perigo, simbolizar uma angústia, é já, através do assenhoreamento pelo cogito, dominá-los” (2002, p.123). Uma dominação que se estende do imaginário para o corpo, que não se fia apenas no terreno simbólico, mas se traduz em subjugo e morte, como nos atestam as experiências colonizadoras europeias.

Nesta edição, a revista *Cadernos de Escola de Comunicação* publica o dossiê “Orientalismos, colonialismos e identidades culturais na comunicação”. Tomamos a licença do uso do plural em “orientalismos”, justamente por compreendermos a aplicabilidade do exercício reflexivo de Said para outros contextos. O que buscamos, por um lado, é evidenciar estruturas discursivas e imagens calcificadas no campo das representações e, por outro, eleger contra-olhares, desfocar e refocar, ensaiar novas

perspectivas, ao mesmo tempo que restituir miradas de resistência diante do olhar colonial.

Tratar de orientalismos é, neste sentido, trazer à tona os tensionamentos hoje presentes na cotidianidade das redes sociais, no jornalismo, publicidade, cinema, em um ambiente midiático, que, através das astúcias da mediação, coloca-se como o vórtice de representações que nos afetam. Portanto, compreender o orientalismo implica, mais do que nunca, explorar sua natureza comunicacional na aceleração midiática do presente.

O conjunto dos artigos publicados neste dossiê revela essa dupla tarefa a que nos referimos acima. Como forma de evidenciar sedimentações discursivas e denunciar a rigidez das imagens, destacamos os trabalhos de Diego Amaral, em *Orientalismo e colonialismo em vídeo games*, e Marcia Neme Buzalaf e Elton Vinicius Telles Lopes, em *A construção estereotipada do comunista no filme 1964 – o Brasil entre armas e livros*.

Já, a tentativa de firmar contra-olhares, ou revisar perspectivas, apresenta-se nos artigos de Rafael Pinto, em *Descolonizar mentes, enegrecer o pensamento: epistemologias negras na comunicação*, bem como no texto de Andressa Gordya Lopes dos Santos e Iara Beleti sobre a produção da cineasta Claudia Llosa, em *Vocês estão todos loucos: operacionalização das diferenças em Madeinusa (2006) e teta assustada (2009)*. Este exercício também se verifica em *Mulheres curdas sob a perspectiva cinematográfica*, uma discussão sobre o filme *Filhas do Sol*, de Jamer Melo, bem como em *Comunicação, discurso e resistência: a prática ciberativista de mulheres indígenas no Facebook*, de Helen Picanço.

Descolonizar a pesquisa é preciso. Boa leitura.

Os editores

Marcia Neme Buzalaf

Monica Panis Kaseker

Alberto Klein.